



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

*RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL
SOCIOECONÓMICO E OS
INVESTIMENTOS PARENTAIS:
PAPEL DA CONCILIAÇÃO
TRABALHO-FAMÍLIA COMO
VARIÁVEL MEDIADORA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Aidé Seabra Carneiro de Andrade

Porto, julho 2020



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

*RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL
SOCIOECONÓMICO E OS
INVESTIMENTOS PARENTAIS:
PAPEL DA CONCILIAÇÃO
TRABALHO-FAMÍLIA COMO
VARIÁVEL MEDIADORA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Aidé Seabra Carneiro de Andrade

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Luísa Antunes Ribeiro
Professora Doutora Adélia Monarca

Porto, julho 2020

Agradecimentos

Um grande agradecimento à Professora Luísa Antunes Ribeiro e à Professora Adélia Monarca por toda a disponibilidade e empenho ao longo de todo este processo.

À minha família: pai e mãe, irmãs, avós e Duarte. Sem o vosso apoio e presença nada disto seria possível.

Às minhas amigas: um enorme obrigada por toda a motivação, toda a dedicação e amizade. Um obrigada especial à minha Daniela, por tudo o que passou comigo nesta longa caminhada, e por toda a força que sempre me deu para nunca desistir. Tenho um orgulho imenso em todas vocês.

Por fim, um grande agradecimento à Professora Doutra Manuela Pessanha por, gentilmente, ter cedido o instrumento (versão de investigação) utilizado neste estudo.

Resumo

O presente estudo procura compreender a relação entre o nível socioeconómico (NSE), as características do trabalho, a conciliação trabalho-família e o nível dos investimentos parentais. Assim, foram analisadas as diferenças de NSE na forma como indivíduos com crianças em idade escolar, investem nos seus filhos, bem como as suas perceções relativas ao controlo do trabalho. Simultaneamente, o objetivo inicial foi o de analisar a conciliação entre o trabalho e a vida familiar como variável mediadora da relação entre o nível socioeconómico e os investimentos; o controlo do trabalho como variável mediadora entre o nível socioeconómico e a conciliação da relação entre o trabalho e a família; e, por fim, o *stress* parental como variável mediadora da relação entre o nível socioeconómico e os investimentos parentais. A amostra foi constituída por 100 pais trabalhadores com crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, a partir da recolha de questionários de autorrelato. Os resultados foram analisados através de correlações e mediações, tendo sido confirmadas duas das hipóteses colocadas. Assim, percebemos que existe uma relação entre o controlo no trabalho e o NSE e, que o controlo do trabalho tem um papel mediador entre o NSE e a conciliação trabalho-família.

Palavras-chave: nível socioeconómico, investimentos parentais, características do trabalho, conciliação trabalho-família, *stress* parental.

Abstract

This study seeks to understand the relations among socioeconomic status (SES), work control, work-family conciliation and the level of parental investments. Differences in the way parents with school-age children invest in them, were analyzed across SES levels, as well as parents' perceptions regarding work control. Moreover, the initial aim was to analyze the 1) conciliation between work and family life as a mediating variable in the relation between socioeconomic status and parental investments; 2) the role of work control as a mediating variable between socioeconomic status and work-family conciliation; and, finally, 3) the role of parental stress as a mediating variable in the relation between socioeconomic status and parental investments. The sample included 100 working parents with children aged between 3 and 6 years, who completed self-report questionnaires. The results were analyzed through correlations and mediations, with two hypotheses being confirmed. There was a significant association between work control and SES and work control had a mediating role in the relation between SES and work-family conciliation.

Keywords: socioeconomic status, parental investments, job characteristics, work-family conciliation, parental stress.

Índice

1.Introdução.....	7
2. Enquadramento teórico.....	9
2.1. Nível socioeconómico e investimentos parentais.....	9
2.2. Nível socioeconómico e as características do trabalho.....	11
2.3. Conciliação trabalho-família e <i>stress</i> parental.....	13
2.3.1. Conciliação trabalho-família.....	13
2.3.2. <i>Stress</i> parental.....	15
3. Método.....	16
3.1. Procedimento de recolha de dados.....	16
3.2. Descrição da amostra.....	17
3.3. Escalas de Medida.....	18
4. Resultados.....	20
5. Discussão.....	23
5.1. Limitações e sugestões para investigações futuras.....	25
5.2. Implicações práticas.....	26
6.Referências bibliográficas.....	27
7.Anexos.....	32
Anexo 1 – O controlo do trabalho tem um papel mediador entre o NSE e a conciliação trabalho-família.....	32
Anexo 2 – Questionário de Investigação.....	34

1.Introdução

O nível socioeconómico tem sido apontado ao longo de várias décadas como algo que interfere diretamente com o desenvolvimento dos seres humanos, uma vez que está ligado à forma como os pais compreendem, ou não, a importância de investirem em recursos físicos e psicológicos para estimularem e educarem os seus filhos (Duncan & Brooks-Gunn, 1997). Além dos investimentos parentais, o nível socioeconómico está também associado a um determinado estatuto, bem como privilégios (Hauser & Warren, 1997; Mueller & Parcel, 1981), ou seja, dependendo da quantidade de recursos que cada família tem disponível, o estatuto/privilégios tenderão a ser diferentes. Isto é, agregados familiares de elevado nível socioeconómico, estão propensos a mais possibilidades de desenvolvimento das gerações mais novas (Braghirolli, 1990).

A importância que a instrução tem nas crianças, tem sido cada vez mais reconhecida, tanto a nível cognitivo como a nível socioemocional, uma vez que são possíveis indicadores de disparidades na educação, nível económico, saúde e bem-estar no futuro (Roberts et al., 2007; Heckman & Kautz 2012). Posto isto, os recursos que as crianças têm disponíveis e a forma como os percebem, dependem muito da forma como os pais os transmitem e utilizam (Behrman, 1997).

Neste sentido, importa ainda referir que o equilíbrio entre a vida familiar e profissional tem vindo a tornar-se num desafio cada vez maior para os indivíduos, acabando por prejudicar os momentos de qualidade e a capacidade dos pais se focarem nos investimentos que as suas crianças necessitam (Mostert & Joubert, 2005). O conflito entre o trabalho e a família é algo muitas vezes motivado pela falta de recursos (e.g. falta de tempo disponível, dificuldades financeiras, pressão sentida no trabalho), o que leva a crer que a forma como cada pai/mãe investe nas suas crianças, está associada a todos os fatores que o quotidiano engloba (Greenhaus & Beutell, 1985). Assim, importa ter em conta o estudo dos investimentos parentais e da conciliação entre o trabalho e a família, visto que os estímulos cognitivos que as crianças recebem no seu seio familiar, especialmente crianças em idade pré-escolar e primeiro ciclo, representa um complemento à educação formal e uma possível forma de compensar a falta de recursos financeiros e sociais (Lareau, 1987).

Além disto, a propósito do que foi referido anteriormente, o meio familiar e profissional representam os dois pilares da vida dos indivíduos (Mostert & Joubert, 2005).

Assim, investigações anteriores reportam que as condições de trabalho acabam por moldar os valores e as personalidades dos trabalhadores, uma vez que dependendo das características do trabalho, o ser humano pode ou não aumentar os seus níveis intelectuais, cognitivos e emocionais (Kohn, 1976; Kohn & Schooler, 1982). Além disso, as características do trabalho podem trazer implicações para a vida familiar, incluindo o *stress* associado ao trabalho e horários de trabalho mais rígidos (Duncan et al., 2015). Ou seja, para compensar a falta de recursos económicos, as famílias de nível socioeconómico mais baixo, acabam por se sujeitar a trabalhos mais pesados e com mais carga horária (Duncan et al., 2015). Tudo isto, pode culminar no *stress* parental, uma vez que o indivíduo ao sentir que tem que se empenhar mais na vertente profissional, desenvolve níveis elevados de *stress* e ansiedade e passa a não conseguir dar resposta às suas responsabilidades parentais (Greenhaus & Beutell, 1985).

2. Enquadramento teórico

2.1. Nível socioeconómico e investimentos parentais

A relação entre o nível socioeconómico (NSE) dos indivíduos e o nível de desenvolvimento das crianças tem sido objeto de inúmeros estudos. Tal facto não surpreende visto que, por norma, existe uma diferença considerável relativa ao desempenho académico de crianças com NSE mais baixo, quando comparadas com crianças de NSE mais elevado (Vasilyeva et al., 2017). Nos Estados Unidos da América, foram desenvolvidos vários estudos que investigam a relação entre NSE e o nível de desempenho académico, o que despoletou o interesse em investigar os efeitos do NSE nas diferentes vertentes que a vida dos indivíduos engloba (Duncan, Yeung, BrooksGunn & Smith, 1998; Sirin, 2005; Bornstein & Bradley, 2014; Morrissey, Hutchison & Winsler, 2014).

De acordo com Hauser e Warren (1997) e Mueller e Parcel (1981), NSE diz respeito ao acesso a recursos económicos e sociais, bem como ao estatuto e privilégios que deles advêm. Tendo isto em conta, é possível compreender que, dependendo da quantidade de recursos que cada família tem disponível, o seu estatuto e privilégios tenderão a ser diferentes. Meios familiares com NSE mais elevado estão associados a melhores oportunidades de desenvolvimento intelectual, emocional e físico das gerações mais novas (Braghirolli, 1990).

Por outro lado, segundo Marturano e Loureiro (2003), um NSE mais baixo está associado a dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento devido à falta de recursos tanto económicos como sociais. Isto é, existindo falta de recursos, o investimento em momentos de aprendizagem familiar ficará comprometido (e.g. momentos de leitura, ida a teatros e museus, existência de brinquedos didáticos). Além disto, Bakker e colaboradores (1999) destacam ainda que, muitas vezes devido à falta de tempo e às várias preocupações financeiras, existe falta de investimento em condições ergonómicas, como por exemplo um espaço para o estudo ou um espaço onde a criança possa brincar e aprender.

Na sequência do que foi referido anteriormente, os agregados familiares que apresentem um NSE mais elevado, geralmente dispõem de um maior número oportunidades de desenvolvimento de capital humano. O capital humano é definido por Becker (1993), como o conhecimento, habilidades, competências e atributos inerentes aos indivíduos que facilitam e estimulam o bem-estar pessoal, social e económico. Além

disto, dados da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico), demonstram que aquilo que aprendemos e a forma como aprendemos, irá moldar-nos enquanto indivíduos e, posteriormente, a sociedade em que vivemos. A OCDE, defende ainda que a educação é o “motor” para a mudança social, económica e cultural, visto que estimula a força de trabalho, e os indivíduos tornam-se capazes de assumir empregos mais complexos e com melhores salários (Brian, 2007).

Posto isto, e tendo em conta as preocupações financeiras, a falta de tempo, e a falta de escolaridade, a OCDE (Brian, 2007) demonstra que famílias com NSE mais baixo, tendem de um modo geral, a apresentar uma maior dificuldade em compreender a importância dos investimentos parentais nas crianças. Por outro lado, uma maior quantidade de recursos financeiros aumenta a probabilidade do acesso das crianças a materiais e atividades didáticas que afetam diretamente o desenvolvimento de competências e capacidades (Vasilyeva et al., 2017). Deste modo, torna-se pertinente compreender a relação entre o NSE e o investimento parental.

O Modelo de Investimento Parental (Becker & Tomes, 1994; Bradley & Corwyn, 2002; Conger & Donnellan, 2007), postula que o NSE está associado positivamente ao desenvolvimento das crianças, uma vez que níveis socioeconómicos mais elevados representam uma oportunidade de investir em materiais e experiências enriquecedoras para os filhos. Os investimentos parentais podem assumir várias formas, (Bradley & Corwyn, 2004; Brooks-Gunn & Markman, 2005; Bornstein, 2006): (a) recursos físicos disponíveis em casa (e.g. livros, brinquedos e jogos); (b) atividades estimulantes nas quais os pais envolvem a criança (e.g. como ler juntos ou jogar jogos de tabuleiro); (c) acesso a recursos e atividades fora de casa (e.g. como visitas a museus ou aulas de música); e, por fim, (d) clima emocional (e.g. proporcionar um ambiente acolhedor e recetivo).

O investimento parental tem um impacto a longo prazo no bem-estar das crianças, uma vez que, pais com maiores níveis de envolvimento transmitem uma sensação de segurança e interesse no desenvolvimento dos seus filhos (Hango, 2007). Para além disto, o vínculo entre os pais e os seus filhos, juntamente com a influência de fatores económicos e culturais, apresenta um impacto bastante significativo no futuro das crianças (Hango, 2007).

De acordo com Duncan e colaboradores (1998) e Harper e colaboradores (2003), torna-se muito claro que crianças que crescem com níveis baixos de investimentos parentais e com dificuldades económicas, futuramente, enquanto adultos, venham a apresentar o mesmo tipo de dificuldades. As dificuldades financeiras no início da vida

têm consequências não apenas durante a infância, mas também se estendem mais tarde à vida adulta (Hango, 2007). Crescer em situação de carência económica prejudica o ajuste socioemocional precoce, bem como o desenvolvimento cognitivo e comportamental (Chase-Lansdale & Brooks-Gunn, 1995), visto que a falta de recursos limita as oportunidades a nível da educação, podendo levar a que as gerações seguintes passem pelas mesmas dificuldades (Hango, 2007), perpetuando-se assim ciclos viciosos de desvantagem económica e social.

Neste sentido, é possível verificar que pais com um NSE mais elevado apresentam, em geral, maiores oportunidades de envolvimento não só na educação dos filhos, mas também uma maior disponibilidade financeira tornando possível a aquisição de materiais educativos essenciais para o bom desenvolvimento das crianças. (Ho Sui-Chu & Willms, 1996; Vasilyeva et al., 2017).

H1: Existe uma relação positiva entre o NSE e os investimentos parentais.

2.2. Nível socioeconómico e as características do trabalho

Além do que já foi mencionado anteriormente, é ainda importante referir que o capital humano descreve também um conjunto de habilidades bastante mais amplo do que as aprendidas através da educação “formal” (Duncan et al., 2015). Isto é, a flexibilidade intelectual, a comunicação verbal e as habilidades de tomada de decisão que se vão desenvolvendo ao longo da vida, são também consideradas capital humano (Duncan et al., 2015). Nas décadas de 60 e 70, psicólogos sociais e sociólogos procuraram descrever de que forma as ocupações e as características do trabalho aumentam ou esgotam o capital humano no percurso de vida individual (Kohn & Schooler, 1973). A partir desta investigação constatou-se que as profissões representam um aspeto importante do NSE, visto que estão intimamente relacionadas com as habilitações académicas e com os vencimentos e, que as condições de trabalho acabam por moldar os valores e as personalidades dos trabalhadores (Kohn, 1976; Kohn & Schooler, 1982).

De acordo com o Modelo *Job Demand Control* de Karasek (1979) as características do trabalho concentram-se em duas dimensões do ambiente de trabalho: as exigências e o controlo. As exigências referem-se ao volume de trabalho, isto é, pressão de tempo, atenção, interrupções no posto de trabalho, quantidade e excesso de trabalho. Por outro lado, o controlo do trabalho refere-se à capacidade que cada indivíduo tem de controlar as próprias atividades de trabalho e a possibilidade de tomar decisões (Derdoef & Maes,

1999). Este modelo descreve os fatores ocupacionais que influenciam o aumento do *stress*, destacando a importância da promoção da motivação, da aprendizagem e do desenvolvimento dos trabalhadores (Theorell & Karasek, 1996).

Karasek (1979), propôs um modelo bidimensional baseado na abordagem simultânea das exigências e do grau de controle, explicando o *stress* e a aprendizagem, tal como é possível verificar na figura abaixo (Figura 1).

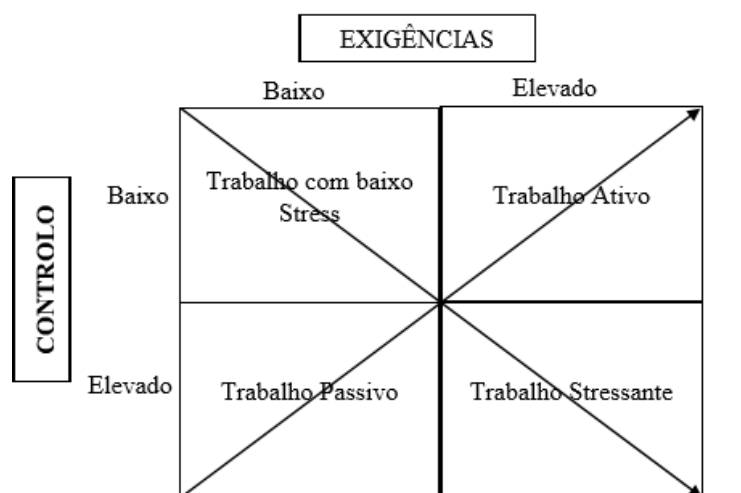


Figura 1. Modelo de Karasek (1979)

Fonte: Karasek – Job Demands, Job Decision Latitude, and Mental Strain: Implications for Job Redesign (1979)

Estes eixos diagonais atravessam as diferentes combinações das duas dimensões: controlo (baixo, elevado) e exigências (baixas, elevadas). Assim como é possível verificar na Figura 1, a combinação dos níveis de controlo e de exigência podem demonstrar as seguintes situações: “trabalho stressante” (elevadas exigências e baixo controlo); “trabalho ativo” (elevadas exigências e elevado controlo); “trabalho com baixo *stress*” (baixas exigências e elevado controlo); e, por fim, “trabalho passivo” (baixas exigências e baixo controlo).

Trabalhos de alto prestígio são caracterizados por tarefas complexas e altos níveis de autonomia, exigindo autorregulação e flexibilidade intelectual. Por outro lado, trabalhos de baixo prestígio, com baixa autonomia, tarefas rotineiras e poucas oportunidades de trabalho complexo podem comprometer as habilidades cognitivas dos indivíduos e dão origem a uma orientação para a conformidade (Duncan et al., 2015). Neste estudo, relativamente às duas componentes das características do trabalho, irei focar-me apenas no controlo do trabalho, visto que esta dimensão terá à partida uma maior diferenciação consoante o NSE.

As características do trabalho têm implicações, a vários níveis da vida do indivíduo, particularmente em situações de baixo NSE, incluindo o *stress* relacionado com o trabalho e horários de trabalho mais rígidos (Duncan et al., 2015). Ou seja, para compensar a falta de recursos económicos, as famílias com NSE mais baixo, acabam por se sujeitar a trabalhos mais pesados e com mais carga horária (Duncan et al., 2015), e consequentemente com menores níveis de controlo e autonomia no trabalho. Um estudo desenvolvido por Callister (2003), apresenta dados que revelam que indivíduos com empregos que requerem um nível mais sofisticado de competências, ou seja, trabalhos que obriguem a maiores níveis de conhecimento, têm maior controlo sobre o desempenho da função, comparativamente com os indivíduos com trabalhos menos complexos.

H2: *Existe uma relação positiva entre o controlo do trabalho e o NSE.*

2.3. Conciliação trabalho-família e *stress* parental

2.3.1. Conciliação trabalho-família

O equilíbrio entre a vida familiar e profissional cada vez mais se torna um desafio para os indivíduos (Mostert & Joubert, 2005). O conflito trabalho-família tem uma influência significativa no *distress* familiar, que é considerada a experiência de *stress* associada ao papel da família, ou seja, quanto maior for o conflito trabalho-família, maior será o *distress* familiar (Louw & Viviers, 2010).

A este propósito e de acordo com a Teoria da Escassez da Energia Humana de Goode (1960) que defende que os recursos de tempo, energia e atenção de cada indivíduo têm finitude, tendo um indivíduo que investir mais a sua atenção/energia num papel, implica que seja menos comprometido com o outro.

Segundo Greenhaus e Beutell (1985) o trabalho pode ter implicações na vida familiar a três níveis: através do tempo que consome ao indivíduo, retirando momentos de qualidade com a família; através do *distress*, ansiedade e cansaço que pode provocar e interferir no equilíbrio da vida familiar, tornando mais complexa a tarefa enquanto pai/mãe; e por fim, através de padrões de comportamento que são esperados que o indivíduo tenha no trabalho, mas que não tenha em casa, como por exemplo, no trabalho uma atitude mais rígida, em casa uma atitude mais empática e disponível (Eby et al., 2010).

O conflito entre o trabalho e a família é de natureza bidirecional, e pode ser analisado através do tempo, tensão e o comportamento (Santos, 2015). O conflito baseado no tempo, dá-se quando o tempo despendido nas atividades de um dos domínios da vida do indivíduo (e.g. a nível laboral; como a sobrecarga de horas de trabalho, trabalho por turnos), impede o cumprimento ou envolvimento no outro domínio (e.g. a nível familiar; como a vida conjugal, cuidar dos filhos). O conflito baseado na tensão, começa quando a pressão associada a um papel, prejudica o desempenho no outro papel, provocando níveis de ansiedade e fadiga física ou psicológica (Greenhaus & Beutell, 1985). Isto é, a nível laboral, a tensão pode ser provocada pela perceção de falta de apoio dos colegas de trabalho ou um nível elevado de exigências. À semelhança disto, a nível familiar, a ausência de apoio e compreensão conjugal pode ser um grande fator de tensão (Greenhaus & Beutell, 1985). Por fim, o conflito baseado no comportamento, manifesta-se quando o comportamento expectável ou exigido num domínio, não é compatível com os comportamentos que o outro domínio necessita (Greenhaus & Beutell, 1985), como por exemplo, a nível laboral, é esperado que o indivíduo consiga responder ao que lhe é pedido com atitudes objetivas e emocionalmente estáveis. Por outro lado, a nível familiar é expectável que o indivíduo consiga ser mais afetuoso e recetivo a interações.

Assim, interessa investigar a influência que o NSE e a conciliação trabalho-família têm nos investimentos parentais, visto que indivíduos com mais recursos económicos e sociais têm uma maior probabilidade de conseguir manter o equilíbrio entre o trabalho e a família, quando comparados com indivíduos com menos recursos, cargos inferiores (Eby et al., 2010). Neste sentido, é de extrema importância ter em conta o papel da conciliação entre o trabalho e a família, visto que afeta a forma como cada indivíduo atua nas diferentes situações e contextos (Callister, 2003), nomeadamente nos investimentos parentais.

***H3:** A conciliação tem um papel mediador na relação entre o NSE e os investimentos parentais.*

Além disto, indivíduos com empregos que requerem maiores níveis de conhecimento, têm maior controlo sobre o desempenho da função, comparativamente com os indivíduos com trabalhos mais automatizados, cujas tarefas não impliquem um grau muito elevado de conhecimento/raciocínio (Callister, 2003). Assim, sabendo que as características do trabalho têm várias implicações para a vida familiar, nomeadamente o *stress* associado ao trabalho, horários de trabalho mais rígidos para compensar a falta de

recursos económicos (Duncan et al., 2015), interessa compreender o papel do controlo do trabalho na relação entre o NSE e a conciliação trabalho-família.

H4: O controlo do trabalho tem um papel mediador entre o NSE e a conciliação.

2.3.2. Stress parental

De acordo com Crnic e Low (2002), tudo aquilo que envolve a prestação de cuidados aos filhos e as experiências vivenciadas no quotidiano enquanto pai/mãe, pode ser vivido de forma positiva e prazerosa, proporcionando momentos de grande felicidade e um sentido de competência, mas, por outro lado, pode também ser considerado difícil, frustrante e, desta forma, gerar sensações de *stress*. Assim, o *stress* parental pode ser definido como uma reação psicológica adversa, quando o indivíduo se vê confrontado com as exigências de ser mãe ou pai. Essas exigências estão, por norma, associadas a sentimentos negativos que estão diretamente relacionados com a parentalidade (Crnic & Low, 2002).

Na literatura são descritos vários modelos que explicam os mecanismos do *stress*, e especificamente, do *stress* parental. Todos eles reconhecem a existência de vários fatores importantes e determinam a forma como as exigências da parentalidade são percebidas e vividas pelos pais. Entre esses fatores destacam-se as características da criança, as características das figuras parentais, e as características do contexto social e familiar (Abidin, 1992; Crnic & Low, 2002; Belsky, 2005).

No que concerne às características da criança, tem-se verificado que pais de crianças com problemas de desenvolvimento, problemas de comportamento, ou problemas ao nível biológico ou emocional experimentam níveis mais elevados de *stress* (Belsky, 2005).

Relativamente às características dos pais, destacam-se a falta de suporte social, a falta de autoestima e o fraco investimento psicológico parental (Abidin, 1992; Crnic & Low, 2002; Belsky, 2005). Além disto, a forma como cada figura parental lida com a situação geradora de *stress* varia de acordo com vários fatores, incluindo a sua própria personalidade (Crnic & Low, 2002). O *stress* parental caracteriza-se como um processo, multideterminado, cujos efeitos são distintos em cada figura parental, e em cada filho e, por conseguinte, para cada família. Assim, o *stress* parental assume repercussões não só

na relação entre as figuras parentais e as crianças como também no seu desenvolvimento (Vasilyeva et al., 2017).

Tal como referido anteriormente, pode ser muito desafiante conseguir um equilíbrio entre a vida familiar e profissional (Mostert & Joubert, 2005), uma vez que o trabalho pode implicar a redução da participação na vida familiar através do tempo que consome, do *distress* e cansaço, e através de padrões de comportamento que são esperados que o indivíduo tenha no trabalho, mas que não tenha em casa (Greenhaus & Beutell, 1985). Neste sentido, e de acordo com a teoria de Goode (1960) referida acima, os recursos de tempo, energia e atenção de cada indivíduo têm finitude, e por isso tendo que investir mais a sua atenção/energia num papel, o indivíduo terá dificuldades em se manter comprometido com o outro.

Por fim, Costa (2011) afirma que o *stress* é um dos principais desestabilizadores das funções parentais, estando relacionado grande parte das vezes, com fatores stressantes a nível económico e laboral. Ou seja, à partida, famílias com NSE mais baixo serão confrontadas com mais momentos de *stress* associados à possível falta de recursos (e.g. financeiros), que posteriormente poderão culminar em *stress* parental. Por sua vez, este pode afetar a disponibilidade dos pais em termos de investimentos nos seus filhos.

H5: O stress parental tem um papel mediador na relação entre o NSE e os investimentos parentais.

3. Método

3.1. Procedimento de recolha de dados

O presente estudo analisa a relação entre o NSE e os investimentos parentais, tendo em conta o papel da conciliação trabalho-família e do *stress* parental, enquanto variáveis mediadoras. Além disto, procurou-se avaliar a relação entre o NSE e o controlo do trabalho, bem como o papel mediador do controlo do trabalho na relação entre o NSE e a conciliação trabalho-família. Neste sentido, pretendia-se obter dados de indivíduos com filhos com idades entre os 3 e os 6 anos. As idades referidas são bastante importantes para a melhor compreensão dos investimentos parentais, visto que se tratam de faixas etárias que exigem, à partida, uma maior quantidade e intensidade de cuidados físicos e afetivos. Estes dados foram recolhidos com recurso ao preenchimento de questionários.

No que diz respeito ao modo de aplicação dos questionários, inicialmente tencionava-se disponibilizar em formato *on-line* e em papel. No entanto, devido à situação pandémica tal não foi possível. Assim, todos os dados foram recolhidos em formato *on-line*, através da plataforma *Google Forms* e o preenchimento de cada questionário teve uma duração aproximada de 10-15 minutos. Todas as respostas foram importadas, primeiramente, para um ficheiro *Excel*, de modo a que, posteriormente, pudessem ser exportadas para uma base de dados no *IBM SPSS Statistics 26*. O processo de recolha de dados teve início no fim do mês de março, tendo terminado a meio do mês de abril de 2020.

Este questionário apresenta-se dividido em seis secções, sendo que a primeira continha uma breve descrição do objetivo do estudo, assegurando a confidencialidade de todos os dados recolhidos, bem como a permissão para a utilização dos mesmos devido às políticas de proteção de dados. As restantes secções do questionário, dizem respeito às escalas utilizadas, designadamente o questionário demográfico, a Escala das Características do Trabalho, a Escala de Conflito Trabalho-Família, a Escala de *Stress* Parental e o Questionário de Rastreo do Ambiente Familiar (QRAF). Cada uma destas escalas, será devidamente descrita no ponto 3.3. deste método.

3.2. Descrição da amostra

Nesta recolha de dados, foi obtido um total de 107 questionários, sendo que sete destes foram eliminados, maioritariamente pelo facto da idade dos filhos não corresponder ao intervalo 3-6 anos. Assim, a amostra final corresponde a um total de 100 pais e mães, dos quais 81% são mulheres, com idades entre os 26 e os 56 anos ($M = 37,48$; $SD = 5,19$). No que concerne às habilitações literárias 6% dos inquiridos têm até ao 9º ano, 22% têm entre o 10º e 12º ano, 46% têm Bacharelato/Licenciatura, 24% têm Mestrado e, por fim, 2% têm Doutoramento. A maioria dos participantes estão casados ou em união de facto (87%), 8% são divorciados, separados judicialmente ou de facto e 5% são solteiros.

Quanto ao contexto familiar, 76% relata que duas pessoas do agregado familiar recebem um salário. No que diz respeito ao salário, 46% dos participantes auferem, por mês, entre os 500 euros e os 1000 euros, 33% auferem entre os 1000 euros e os 1500 euros, sendo que 22% dos agregados familiares auferem, por mês, entre os 2000 euros e os 2500 euros e 21% entre os 1500 euros e os 2000 euros.

Relativamente à situação no trabalho, 67% tem um contrato de trabalho por tempo indeterminado, sendo que 53% dos participantes trabalha em setores públicos, serviços, transportes, beleza, restauração e reparação de automóveis, e os restantes 47% dos participantes trabalha em setores como saúde, educação, psicologia e direito. Além disto, 85% dos participantes conta com uma carga horária de trabalho de 35h/40h por semana.

3.3. Escalas de Medida

Questionário demográfico: foi pedido aos participantes que indicassem a idade, sexo, estado civil, o número de pessoas que compõem o agregado familiar, o salário auferido, escolaridade, tipologia do contrato de trabalho, setor de atividade em que trabalha e, por fim, qual a carga horária semanal. Além disto, foi também pedida a indicação do género e idade dos seus filhos.

Características do Trabalho: foi utilizada a subescala de autonomia da versão traduzida da escala de Características do Trabalho de Karasek (1979), já usada noutros estudos em Portugal de Carvalho e Chambel (2014). Esta escala é constituída por 11 itens, dos quais 4 medem a autonomia (e.g. “Tenho a possibilidade de decidir como organizar o meu trabalho”). Os itens apresentam-se numa escala de Likert de 5 pontos, sendo que (1) equivale a “discordo totalmente” e (5) a “concordo totalmente”. Os valores mais elevados na escala correspondem a uma perceção mais elevada de autonomia. Em estudo anteriores, no que diz respeito à autonomia/controlo no trabalho, a escala apresenta a consistência interna de (Alpha de Cronbach) $\alpha=.79$.

Conflito Trabalho-Família: foi utilizada uma versão adaptada à realidade portuguesa (Carvalho, 2016; Carvalho & Chambel, 2016), da escala original de Carlson, Kacmar, e Williams (2000). Este instrumento apresenta-se com 15 itens, avaliados numa escala de Likert de 5 pontos que vai desde (1) que equivale a “quase nunca” a (5) que corresponde a “quase sempre”. Nesta escala os valores mais elevados indicam maiores níveis de CTF. A escala é constituída por itens como exemplo “Sinto que não tenho tempo suficiente para as minhas tarefas em casa, devido ao tempo que tenho de despende no trabalho” ou “O meu trabalho afasta-me, mais do que eu gostava, das atividades familiares”. Em estudos prévios, esta escala apresenta um coeficiente de consistência interna de $\alpha=.92$.

Questionário de Rastreamento do Ambiente Familiar (QRAF): foi utilizada a versão adaptada a Portugal de Pessanha e Nunes (2009), do “Home Screening Questionnaire”(HSQ) (Caldwell & Bradley, 2009). Neste sentido, os itens do QRAF foram selecionados através de uma análise mais elaborada do ambiente familiar desenvolvida por Caldwell e Bradley (1997), a partir do “Home Observation for Measurement of the Environment (HOME) Inventory”. Tal como o HSQ, o QRAF é uma versão mais curta do HOME Inventory, que pretende identificar crianças que estão em possível risco de atrasos de desenvolvimento devido a influências ambientais negativas. Assim, o QRAF encontra-se dividido por questões de escolha múltipla (e.g. “Com que frequência alguém lê histórias ao(à) seu(sua) filho(a)?”), questões para preencher os espaços em branco (e.g. “Cerca de quantas horas está a televisão ligada todos os dias?”), e questões de “sim” e “não” (e.g. “É frequente o(a) seu(sua) filho(a) arrumar os brinquedos sozinho(a)?), incluindo também uma lista de verificação de brinquedos (e.g. “Triciclo, bicicleta ou trotinete”) na qual os pais devem assinalar os brinquedos que têm disponíveis em casa para a criança. A cotação de cada questão presente no QRAF, está disponível no manual de cotação do mesmo. Assim, após o processo de cotação, devem ser somados todos os resultados que cada participante obteve, de modo a verificar se se trata de um resultado “suspeito” ou “não suspeito”. De acordo com o manual de cotação do QRAF, se a pontuação total foi de 41 ou inferior, o resultado é considerado “suspeito”. Caso a pontuação total for de 42 ou superior, o resultado é considerado “não suspeito”. De acordo com estudos anteriores, o coeficiente de consistência interna do presente instrumento é de $\alpha = .80$.

Stress Parental: foi utilizada a Escala de *Stress* Parental de Mixão, Leal e Maroco (2007), tendo sido desenvolvida a partir da “Parental Stress Scale” (PSS) de Berry e Jones (1995). Esta escala é constituída por 17 itens que avaliam o stress vivenciado pelos pais (e.g. “Às vezes penso se faço o suficiente pelo(s) meu(s) filho(s)”), utilizando como base a proximidade dos pais com as crianças, bem como a sua perceção e satisfação no desempenho do seu papel. Estes itens são pontuados através de uma escala de Likert de 5 pontos, sendo que (1) corresponde a “discordo totalmente” e (5) a “concordo totalmente”. A consistência interna desta escala, no seu estudo original foi de $\alpha = .83$ (Leal & Maroco, 2010).

3.4. Procedimento de tratamento de dados

Inicialmente, foi realizada a análise descritiva dos dados demográficos através do *IBM SPSS Statistics 26*. De seguida, foram elaboradas as análises da consistência interna das escalas e realizadas análises de correlação. Por fim, para testar os modelos de mediação foi utilizado o *Process v3.4.1*.

4. Resultados

Primeiramente, foi averiguada a normalidade da distribuição de todas as variáveis que este estudo engloba: NSE, as características do trabalho, o *stress* parental, a conciliação trabalho-família e os investimentos parentais. O indicador que foi inicialmente planeado para avaliar o NSE foi o salário, uma vez que o NSE é geralmente avaliado através do salário ou de outros índices (e.g. habilitações, profissão). No entanto, um grande número de participantes demonstrou auferir de um salário mensal compreendido entre os 500€ e os 1000€, tornando a distribuição deste item um pouco enviesada. Assim, optou-se por combinar dois indicadores de nível socioeconómico – o salário e o nível de escolaridade/habilitações literárias – na mesma variável. Neste sentido, tanto o salário como o nível de escolaridade foram transformadas em scores z, por forma a criar uma nova variável denominada “NSE”.

De seguida, procedeu-se ao cálculo da confiabilidade de cada uma das escalas. No que diz respeito à escala que mede as características do trabalho, mais especificamente o grau de autonomia/controlo do trabalho, a subescala apresentou a consistência interna de (Alpha de Cronbach) .776. No que concerne à escala onde foram medidos os investimentos parentais (Questionário de Rastreo do Ambiente Familiar – QRAF), esta apresentou uma consistência interna de (Alpha de Cronbach) .466, que se revelou, portanto, insatisfatória. Neste sentido, todas as análises envolvendo esta escala não puderam ser realizadas. Relativamente à escala do conflito trabalho-família, importa referir que um dos itens teve que ser invertido e o coeficiente de consistência interna foi de (Alpha de Cronbach) .932. Por fim, no que concerne à escala do *stress* parental, sete dos seus itens tiveram que ser invertidos e apresentou uma consistência interna de (Alpha de Cronbach) .778.

De seguida, com intuito de testar a relação entre as variáveis, foi elaborada uma matriz de correlações, apresentada abaixo (Tabela 1). Uma matriz de correlações, pretende mostrar os valores de correlação de Pearson, através da qual são medidos os graus de relação linear entre cada variável. Isto é, a partir da elaboração da matriz, será possível avaliar a existência ou inexistência de uma associação significativa ou não entre pares de variáveis.

Tabela 1. Correlações das variáveis NSE, controlo no trabalho, conciliação trabalho-família e *stress* parental.

	1.	2.	3.	4.	5.
1. NSE					
2. Controlo no trabalho	,257*				
3. Conciliação trabalho família	,064	-,283**			
4. <i>Stress</i> parental	-,005	,048	,183		

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

No que diz respeito à primeira hipótese deste estudo - “*H1: Existe uma relação positiva entre o NSE e os investimentos parentais.*”, à H3 (“*A conciliação tem um papel mediador na relação entre o NSE e os investimentos parentais*”), bem como à H5 (“*O stress parental tem um papel mediador na relação entre o NSE e os investimentos parentais*”), a testagem destas correlações e mediações não pôde ser realizada, uma vez que o instrumento utilizado para avaliar a variável de investimentos parentais apresentou uma consistência interna bastante baixa ($\alpha = .466$).

Relativamente à segunda hipótese em estudo - “*H2: Existe uma relação positiva entre o controlo do trabalho e o NSE.*” -, verificou-se uma associação positiva e significativa ($r = .257^*$, $p = .010$) entre as duas variáveis. Posto isto, é possível concluir que à medida que o NSE aumenta, aumenta também o controlo do trabalho, confirmando-se assim a H2.

Finalmente, com objetivo de testar a quarta hipótese - “*H4: O controlo do trabalho tem um papel mediador entre o NSE e a conciliação.*” -, foram elaboradas análises de mediação, em que se testou o papel mediador do controlo do trabalho na relação entre o NSE e a conciliação. Estas análises foram conduzidas com recurso ao *add-on Process* do SPSS.

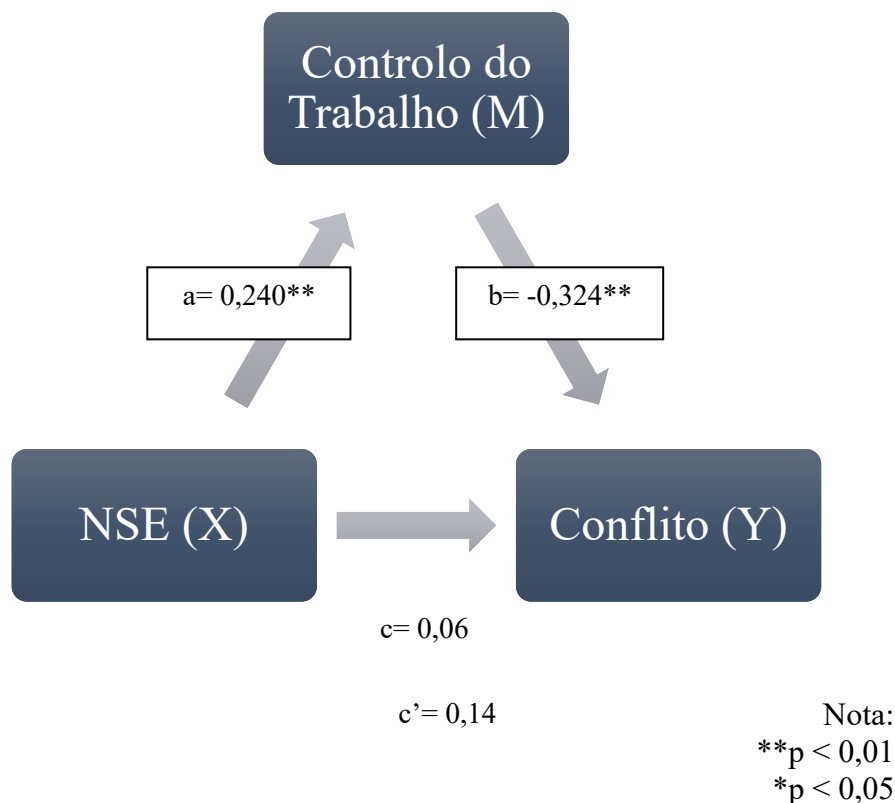


Figura 2. Modelo de mediação simples do efeito do NSE (X- variável independente) na conciliação trabalho-família (Y- variável dependente), tendo como variável mediadora o controlo do trabalho (M).

Na Figura 2, podemos verificar que existe um efeito preditivo entre o NSE e a conciliação trabalho-família através da variável controlo do trabalho, já que o efeito do NSE na conciliação é apenas visível quando se considera o mediador controlo no trabalho: quanto mais elevado o NSE, maior o controlo do trabalho e menor o conflito trabalho-família. O efeito mediador controlo do trabalho é significativo com um intervalo de confiança do efeito indireto, $a \times b = -0,07$ (SE= 0,04) 95% [-0,186 ; -0,007], não contendo o valor zero. Dizemos então que houve uma mediação total.

Assim sendo, confirmamos H4, o que significa que o controlo do trabalho medeia a relação entre o NSE e a conciliação trabalho-família.

5. Discussão

O principal objetivo deste estudo centrou-se em compreender as associações entre o NSE e os investimentos parentais e as características do trabalho. Isto é, num primeiro momento, pretendia-se averiguar se o NSE (e.g. salário e habilitações literárias) tem impacto sobre os investimentos parentais dos indivíduos. Neste sentido, considerou-se necessário perceber as possíveis diferenças entre indivíduos de níveis socioeconómicos distintos na forma como investem na educação dos seus filhos, bem como na forma como percecionam a importância do investimento em recursos físicos e psicológicos. Além disto, como referido acima, este estudo também teve como objetivo compreender as associações entre o NSE e as características do trabalho. Assim, como mencionado no enquadramento teórico deste estudo, as características do trabalho podem ser medidas e avaliadas através de dois pontos (e.g. exigências e controlo no trabalho), sendo que neste caso, o estudo focou-se apenas na variável do controlo no trabalho. Para isto, foi necessário compreender se as possíveis diferenças de níveis socioeconómicos entre os participantes se relacionam com a forma como os mesmos percecionam os seus níveis de controlo relativos ao seu trabalho.

Desta investigação, também fez parte a utilização da conciliação trabalho-família e do *stress* parental, enquanto variáveis mediadoras, na relação entre o NSE e os investimentos parentais, e ainda, o controlo do trabalho, enquanto variável mediadora, na relação entre o NSE e a conciliação trabalho-família. Este estudo engloba cinco hipóteses mas, apenas duas se confirmaram. Neste sentido, a presente discussão estará dividida em duas partes, sendo que na primeira parte estarão incluídas as hipóteses 1, 3 e 5, onde estão agrupadas as hipóteses que não se confirmaram; e na segunda parte estarão incluídas as hipóteses 2 e 4 que se confirmaram.

A primeira hipótese em estudo pretendia encontrar uma relação positiva entre o NSE dos diversos participantes e os seus investimentos parentais, uma vez que inúmeros estudos na literatura levam a acreditar na existência desta relação (Ho Sui-Chu & Willms, 1996; Vasilyeva et al., 2017). A terceira hipótese, tinha o objetivo de postular o papel mediador da conciliação trabalho-família na relação entre o NSE e os investimentos parentais, uma vez que estudos como os de Greenhaus e Beutell (1985) demonstram, de facto, uma forte ligação entre estas variáveis. A quinta hipótese, passava por averiguar o papel mediador do *stress* parental entre o NSE e os investimentos parentais, sendo que na literatura, vários estudos defendem que o *stress* parental é algo bastante recorrente em

famílias de NSE mais baixo (Costa, 2011). Além disto, segundo um estudo elaborado por Pessanha (2008), a relação entre as diferentes variáveis mencionadas acima seria bastante expectável, visto que o Questionário de Rastreo do Ambiente Familiar apresentou níveis elevados de consistência interna ($\alpha = .82$), e efetivamente baseia-se num vasto número de estudos que levam a crer que a quantidade de investimentos parentais estará relacionado com o NSE dos indivíduos (Garrett, Ng'andu, & Ferron, 1994; Lozoff, Park, Radan, & Wolf, 1995).

No entanto, estas hipóteses não puderam ser testadas, uma vez que o instrumento (QRAF) utilizado para recolher dados relativos ao investimento parental apresentou níveis de consistência interna considerados *inadmissíveis* (Martins, 2011), impedindo a realização dos testes para verificar as hipóteses. Uma das possíveis explicações para este facto será talvez a existência de um grande número de participantes com NSE mais baixo, que poder-se-á ter traduzido em dificuldades de resposta, uma vez que os questionários, devido à pandemia, tiveram que ser ministrados via *on-line*. Neste sentido, outra dificuldade pode ter sido provocada pelo cansaço devido ao extenso questionário, que consequentemente pode ter implicado alguma aleatoriedade nas últimas secções/respostas do mesmo (cf. Anexo2).

Por outro lado, e tendo em conta que o segundo objetivo deste estudo passou por verificar a existência de uma relação entre o controlo do trabalho e o NSE, os resultados demonstram que, tal como esperado, esta relação é positiva no sentido em que quanto mais elevado for o nível socioeconómico, maior será a perceção de controlo no trabalho. Esta conclusão vai ao encontro da teoria apresentada anteriormente que enfatiza que indivíduos com cargos mais elevados, que impliquem maiores níveis de formação/conhecimento, apresentam maior controlo sobre o desempenho da sua função (Callister, 2003). Além disto, a quarta hipótese em estudo, pretendia compreender o papel mediador do controlo do trabalho entre o NSE e a conciliação trabalho-família (Duncan et al., 2015). Uma metanálise desenvolvida por Baltes e colaboradores (2010), apresenta três possíveis antecedentes do conflito trabalho-família: *role involvement*, *social support* e *work/family characteristics*. Neste estudo, os autores definem características do trabalho como uma variável que integra a duração, as características da função (e.g. tipo de cargo, controlo/autonomia no trabalho) e o impacto organizacional na função (e.g. horas extra de trabalho). Assim, Baltes e colaboradores (2010), defendem que um dos antecedentes do conflito entre o trabalho e a família relaciona-se com o nível de controlo no trabalho, uma vez que a perceção de autonomia está associada a alguma liberdade relativamente ao

desempenho das tarefas, podendo diminuir o impacto que o trabalho tem sobre as responsabilidades familiares. Assim, e de acordo com o esperado, a quarta hipótese confirmou-se, uma vez que quanto maior for a perceção de controlo no trabalho, menor o conflito entre o trabalho e a família.

5.1. Limitações e sugestões para investigações futuras

Ao longo da elaboração do presente estudo, foram identificados alguns tópicos que podem representar limitações. Assim, é importante nomear o facto de se tratar de uma amostra pequena, com características algo restritivas, visto que só podia incluir pais com crianças entre os 3 e os 6 anos. Neste sentido, seria pertinente, em estudos futuros, aplicar o mesmo a mais grupos, até de faixas etárias distintas, de modo a obter resultados mais abrangentes e que representassem melhor a população.

Outra limitação a ter em conta para investigações futuras são os problemas de fidelidade inerentes à utilização do QRAF. Em vez deste instrumento, seria talvez mais pertinente utilizar a escala original *Home Observation for Measurement of the Environment* - HOME (Caldwell & Bradley, 1984) para medir os investimentos parentais, visto que, embora não explore tantos pontos como o QRAF, trata-se de uma escala mais pequena e de rápida análise. O QRAF representa um instrumento muito bem estruturado e adaptado à realidade portuguesa, no entanto, para este estudo, devido a uma elevada quantidade de escalas, é possível que se tenha tornado demasiado extenso.

Este estudo, acabou por se tornar limitado também pelo tamanho do questionário, visto que englobava cinco escalas, e devido à situação pandémica COVID-19, os dados foram recolhidos via *on-line*, condicionando as respostas dos participantes. Isto é, via *on-line* torna-se mais complexo ajudar os participantes em caso de possíveis dúvidas. Além disto, sendo aplicado *on-line* e nas redes sociais, é desafiante obter adesão dos participantes, visto que nem todos os indivíduos possuem o conhecimento necessário para responder de forma independente. Assim, no futuro, se possível a recolha de dados em questionários em papel, poderá reduzir resultados enviesados.

5.2. Implicações práticas

No presente estudo e através do grupo de resultados obtidos percebemos que existe uma relação entre o controlo do trabalho e o NSE, e que o controlo do trabalho tem um papel mediador entre o NSE e a conciliação entre o trabalho e a família.

Deste modo, a principal implicação prática desta investigação surge no sentido de alertar para o impacto que o controlo do trabalho e a estabilidade financeira e, posteriormente psicológica, tem nos restantes papéis que os indivíduos desempenham.

Em síntese, é importante que as práticas de Recursos Humanos estejam alinhadas com o bem-estar físico e mental dos seus colaboradores, de modo a garantir a conciliação trabalho-família.

6. Referências bibliográficas

Abidin, R. R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21(4), 407-412. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2104_12

Bakker, A., Kessler-Sklar, S., Piotrkowski, C., & Parker, F. (1999). Kindergarten and first-grade teachers reported knowledge of parents involvement in their children's educations. *The Elementary School Journal*, 99(4), 367-380. <https://doi/abs/10.1086/461930?mobileUi=0>

Baltes, B. B., Clark, A. M., Kotrba, M. L., Mitchelson, K. J. & Michel, S. J. (2010). Antecedents of work-family conflict: A meta-analytic review. *Journal of Organizational Behavior*, 32(5), 689–725. <https://doi.org/10.1002/job.695>

Becker, G. S. (1993). *Human capital a theoretical and empirical analysis, with special reference to education* (3rd ed., pp.257–298). Columbia University Press.

Becker, G. S., & Tomes, N. (1994). *Human capital and the rise and fall of families. Human capital: A theoretical and empirical analysis with special reference to education* (3rd ed., pp.257–298). The University of Chicago Press.

Behrman, J. R. (1997). Intrahousehold distribution and the family. In M. R. Rosenzweig and O. Stark (Eds.). *Handbook of Population and Family Economics* (1st ed., pp. 125–187). Elsevier.

Belsky, J. (2005). Social-contextual determinants of parenting. In R. E. Tremblay, R. G. Barr, & R. de V. Peters (Eds.), *Encyclopedia on early childhood development*. Centre of Excellence for Early Childhood Development. URL: <http://www.child-encyclopedia.com/enca/home.html>

Bornstein, M. H. (2006). Parenting science and practice. In K. A. Renninger, I. E. Sigel, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.). *Handbook of child psychology: Child Psychology in Practice* (6th ed., pp. 893–949). John Wiley & Sons.

Bornstein, M. H., & Bradley, R. H. (2014). Socioeconomic Status, Parenting, and Child Development (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781410607027>

Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2002). Socioeconomic status and child development. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 371–399. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135233>

Bradley, R. H., & Corwyn, R. F. (2004). "Family Process" Investments That Matter for Child Well-Being. In A. Kalil & T. DeLeire (Eds.), *Monographs in parenting. Family investments in children's potential: Resources and parenting behaviors that promote success* (p. 1–32). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Braghirolli, E. M. (1990). *Psicologia Geral* (9a ed). Vozes.

Brian, K. (2007). *OECD Insights Human Capital How what you know shapes your life: How what you know shapes your life* (1st ed.). OECD publishing.

Brooks-Gunn, J., & Chase-Lansdale, P. L. (1995). Adolescent parenthood. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting, Status and social conditions of parenting* (3rd ed., pp. 113–149). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Brooks-Gunn, J., & Markman, L. B. (2005). The contribution of parenting to ethnic and racial gaps in school readiness. *The Future of Children*, 15(1), 139–168. <https://doi.org/10.1353/foc.2005.0001>

Callister, P. (2003). Overwork, work schedules, working at home and time spent with family member: How time use data can inform a work/life policy. *Callister & Associates*.

Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology*, 58, 175–199. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085551>

Costa, C. (2011). Indutores do Stress Parental. [Dissertação de mestrado não publicada] Universidade Fernando Pessoa.

Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting* (5th ed, pp. 243-267). Lawrence Erlbaum.

Derdoef, M. V. & Maes S., (1999). The Job Demand-Control (-Support) Model and psychological well-being: a review of 20 years of empirical research. *Work & stress*, 13(2), 87-114. <https://doi.org/10.1080/026783799296084>

Duncan, G. J., Yeung, W. J., Brooks-Gunn, J., & Smith, J. R. (1998). How much does childhood poverty affect the life chances of children? *American Sociological Review*, 63(3), 406–423.

Duncan, G. J., Yeung, W. J., Brooks-Gunn, J., & Smith, J. R. (1997). How much does childhood poverty affect the life chances of children? *American Sociological Review*, *63*(3), 406- 423. <https://doi:10.2307/2657556>

Duncan, G.J., Magnuson, K., Voitruba-Drzal, E. (2015). *Handbook of Child Psychology and Developmental Science, Children and Socioeconomic Status* (7th ed.). John Wiley & Sons, Inc.

Eby, L., Maher, C., & Butts, M. (2010). The intersection of work and family life: the role of affect. *Annual Review of Psychology*, *61*(1), 599–622. <https://doi:10.1146/annurev.psych.093008.100422>

Garrett, P., Ng'andu, N., & Ferron, J. (1994). Poverty experiences of young children and the quality of their home environments. *Child Development*, *65*(2), 331-345. <https://doi:10.2307/1131387>

Goode, J. (1960). A theory of role strain. *American Sociological Review* *25*, 483-96. <https://doi:10.2307/2092933>

Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *Academy of Management Journal* *10*, 76-88.

Hango, D. (2007). Parental investment in childhood and educational qualifications: Can greater parental involvement mediate the affects of socioeconomic disadvantage?. *Social Science Research* *36*(4), 1371–1390. <https://doi:10.1016/j.ssearch.2007.01.005>

Harper, C., Marcus, R. & Moore, K. (2003). Enduring poverty and the conditions of childhood: life course and inter-generational poverty transmissions. *World Development* *31*(3), 535–554.

Hauser, R. M. & Warren, J. R. (1997). Socioeconomic Index of Occupational Status: A Review, Update, and Critique. In: A. Raftery (Eds.), *Sociological Methodology*, *27*(1), 177-298. <https://doi.org/10.1111/1467-9531.271028>

Heckman, J. J. & Kautz, T. (2012). Hard evidence on soft skills. *Labour Economics*, *19*(4), 451–464. <https://doi:10.1016/j.labeco.2012.05.014>

Ho Sui-Chu, E. & Willms, J.D. (1996). Effects of parental involvement on eighth-grade achievement. *Sociology of Education*, *69*(2), 126–141

Karasek, R. (1979). Job Demands, Job Decision Latitude, and Mental Strain: Implications for Job Redesign. *Administrative Science Quarterly*, 24(2), 285-308. <https://doi.org/10.2307/2392498>

Kohn, M. L. (1976). Occupational structure and alienation. *American Journal of Sociology*, 82, 111-130. <https://doi.org/abs/10.1086/226272>

Kohn, M. L., & Schooler, C. (1973). Occupational experience and psychological functioning: An assessment of reciprocal effects. *American Sociological Review*, 38(1), 97-118. <https://doi.org/10.2307/2094334>

Kohn, M. L., & Schooler, C. (1982). Job Conditions and Personality: A Longitudinal Assessment of Theirs Reciprocal Effects. *American Journal of Sociology*, 86(6). <https://doi.org/pdfplus/10.1086/227593>

Leal, I. & Maroco, J. (2010). *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade* (1ª ed). Legis Editora.

Louw, G.J. & Viviers, A. (2010). Na evaluation of a psychosocial stress and coping model in the police work context. *SA Journal of Industrial Psychology*, 36(1), 1-11. <https://doi.org/10.4102/sajip.v36i1.442>

Lozoff, B., Park, A. M., Radan, A. E., & Wolf, A. W. (1995). Using the HOME Inventory with infants in Costa Rica. *International Journal of Behavioral Development*, 18(2), 277-295. <https://doi.org/10.1177/016502549501800206>

Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM SPSS* (1ª ed). Psiquilíbrios Edições.

Marturano, E. M. & Loureiro, S. R. (2003). O desenvolvimento socioemocional e as queixas escolares. *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem*. Alínea.

Morrissey, T. W., Hutchison, L., & Winsler, A. (2014). Family income, school attendance, and academic achievement in elementary school. *Developmental Psychology*, 50(3), 741-753. <https://doi.org/10.1037/a0033848>

Mostert, K. & Joubert, A. F. (2005). Job stress, burnout and coping strategies in the South African police service. *South African Journal of Economic and Management Sciences*, 8(1), 39-53. <https://doi.org/10.4102/sajems.v8i1.1282>

Mueller, C. W. & Parcel, T. (1981). Measures of Socioeconomic Status: Alternatives and Recommendations. *Child Development*, 52(1), 13-30. <https://doi.org/10.2307/1129211>

Pessanha, M., & Nunes, C. (2008). Questionário de Rastreamento do Ambiente Familiar – Revisitado. ESE, Instituto Politécnico do Porto & Universidade do Porto.

Roberts, B. W., Kuncel, N. R., Shiner, R., Caspi, A. & Goldberg, L. R. (2007). The power of personality: The comparative validity of personality traits, socioeconomic status, and cognitive ability for predicting important life outcomes. *Perspectives on Psychological Science*, 2(4), 313–345. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6916.2007.00047.x>.

Santos, S. L. (2015). Conflito trabalho-família e stresse profissional: Estudo com uma amostra do setor da administração pública. [Tese de mestrado não publicada]. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Sirin, S. R. (2005). Socioeconomic status and academic achievement: A meta-analytic review of research. *Review of Educational Research*, 75(3), 417–453. <https://doi.org/10.3102/00346543075003417>

Theorell, T. & Karasek, R. (1996). Current Issues Relating to Psychosocial Job Strain and Cardiovascular Disease Research. *Journal of Occupational Health Psychology*, 1(1), 926. <https://doi.org/10.1037//1076-8998.1.1.9>

Vasilyeva, M., Dearing, E., Ivanov, A., Shena, C. & Kardanov, E. (2017). Testing the family investment model in Russia: Estimating indirect effects of SES and parental beliefs on the literacy skills of first-graders. *Early Childhood Research Quarterly*, 42(8), 11–20. <https://doi.org/10.1186/s13034-017-0206-z>

7. Anexos

Anexo 1 – O controlo do trabalho tem um papel mediador entre o NSE e a conciliação trabalho-família

Run MATRIX procedure:

***** PROCESS Procedure for SPSS Version 3.4.1 *****

Written by Andrew F. Hayes, Ph.D. www.afhayes.com
Documentation available in Hayes (2018). www.guilford.com/p/hayes3

Model : 4
Y : Trabalho
X : NSE
M : controlo

Sample
Size: 100

OUTCOME VARIABLE:
controlo

Model Summary							
	R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
	,2574	,0663	,5562	6,9557	1,0000	98,0000	,0097

Model							
	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI	
constant	3,7436	,0746	50,1964	,0000	3,5956	3,8916	
NSE	,2399	,0910	2,6374	,0097	,0594	,4205	

OUTCOME VARIABLE:
Trabalho

Model Summary							
	R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
	,3164	,1001	,5521	5,3942	2,0000	97,0000	,0060

Model							
	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI	
constant	4,2354	,3840	11,0287	,0000	3,4732	4,9977	
NSE	,1377	,0938	1,4683	,1453	-,0484	,3239	
controlo	-,3238	,1006	-3,2171	,0018	-,5236	-,1240	

Test(s) of X by M interaction:

	F	df1	df2	p
	,2463	1,0000	96,0000	,6208

***** TOTAL EFFECT MODEL *****

OUTCOME VARIABLE:
Trabalho

Model Summary							
	R	R-sq	MSE	F	df1	df2	p
	,0638	,0041	,6048	,4006	1,0000	98,0000	,5282

Model							
	coeff	se	t	p	LLCI	ULCI	
constant	3,0233	,0778	38,8745	,0000	2,8690	3,1776	
NSE	,0601	,0949	,6330	,5282	-,1282	,2483	

***** TOTAL, DIRECT, AND INDIRECT EFFECTS OF X ON Y *****

Total effect of X on Y							
	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI	c_ps
c_cs	,0601	,0949	,6330	,5282	-,1282	,2483	,0775
	,0638						

Direct effect of X on Y							
	Effect	se	t	p	LLCI	ULCI	c'_ps
c'_cs	,1377	,0938	1,4683	,1453	-,0484	,3239	,1777
	,1464						

Indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
controlo	-,0777	,0454	-,1865	-,0076

Partially standardized indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
controlo	-,1002	,0591	-,2390	-,0100

Completely standardized indirect effect(s) of X on Y:

	Effect	BootSE	BootLLCI	BootULCI
controlo	-,0826	,0481	-,1965	-,0078

***** ANALYSIS NOTES AND ERRORS *****

Level of confidence for all confidence intervals in output:
95,0000

Number of bootstrap samples for percentile bootstrap confidence intervals:
5000

NOTE: Variables names longer than eight characters can produce incorrect output.

Shorter variable names are recommended.

----- END MATRIX -----

Anexo 2 – Questionário de Investigação

Questionário de Investigação

Este questionário está dividido em várias secções, e aplica-se a indivíduos com filhos com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. O principal objetivo será **conhecer a sua opinião relativamente à forma como pensa sobre si mesmo e sobre vários aspetos da sua vida pessoal e profissional**. Não há respostas certas ou erradas, o que nos interessa é a sua opinião.

As suas respostas serão estritamente confidenciais, sendo que a análise a ser realizada é do conjunto de todos os colaboradores. Para assegurar a sua confidencialidade **não escreva o seu nome no questionário**. Tendo em conta a situação que vivemos, **é importante que responda a todas as questões de acordo com a sua realidade pessoal e profissional até ao dia 15 de março**.

Muito obrigada pela sua colaboração! A sua participação será um grande contributo para o estudo, permitindo fundamentar possíveis ajustamentos na gestão estratégica de recursos humanos, no meio organizacional.

Secção A

Numa primeira secção interessa **recolher alguns dados demográficos sobre si**.

Abaixo segue um conjunto de questões, às quais é importante a sua **resposta sincera**:

1. Idade: _____

2. Sexo.

Masculino

Feminino

3. Estado Civil.

Solteiro(a)

Casado(a) ou em União de Facto

Divorciado(a), separado(a),
judicialmente ou de facto

Viúvo(a)

4. Quantas pessoas compõem o seu agregado familiar, contando consigo? _____

5. Quantas pessoas no seu agregado familiar recebem um salário? _____

6. Qual o seu salário?

500-1000 euros

2000-2500 euros

1000-1500 euros

Mais de 2500 euros

1500-2000 euros

7. Qual o salário total de todos os membros do seu agregado familiar?

500-1000 euros

3000-3500 euros

1000-1500 euros

3500-4000 euros

1500-2000 euros

4000-4500 euros

2000-2500 euros

mais de 5000 euros

2500-3000 euros

8. Escolaridade.

Até ao 9º Ano

10º - 12º Ano

Bacharelato/ Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

9. Tipologia do seu contrato de trabalho atual.

- Contrato de trabalho por tempo indeterminado
 Contrato de trabalho a termo resolutivo certo
 Contrato de trabalho a termo resolutivo incerto
 Contrato de trabalho temporário (através de uma agência de contratação)
 Outro _____

10. Setor de atividade da empresa onde trabalha neste momento.

11. Função que desempenha neste momento.

12. Qual a carga horária de trabalho semanal, que pratica neste momento?

- Tempo completo (35 a 40 horas semanais).
 Tempo parcial (16 a 35 horas semanais).
 Tempo parcial (até 15 horas semanais).

13. Em média, quantas horas trabalha efetivamente por semana? _____

14. Assinale, por favor, se aceita ou não que os dados deste questionário possam vir a ser utilizados para investigação a ser desenvolvida pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto. **Relembramos que todos os dados estão protegidos por sigilo e anonimato.**

- Sim, aceito. Não, não aceito.

Secção B

Nas seguintes questões pedimos-lhe que descreva algumas **características do seu trabalho**. Para cada uma delas, indique a sua opinião **assinalando o respetivo número**, de acordo com a grelha seguinte:

1. <i>Discordo Totalmente</i>	2. <i>Discordo</i>	3. <i>Indeciso</i>	4. <i>Concordo</i>	5. <i>Concordo Totalmente</i>
-------------------------------	--------------------	--------------------	--------------------	-------------------------------

1.O meu trabalho exige que eu trabalhe depressa.	1	2	3	4	5
2.O meu trabalho exige que eu trabalhe duramente.	1	2	3	4	5
3.No meu trabalho, tenho uma grande quantidade de coisas para fazer.	1	2	3	4	5
4.Não tenho tempo para fazer o meu trabalho todo.	1	2	3	4	5
5.Tenho demasiado trabalho para fazer.	1	2	3	4	5
6.Sinto que não tenho tempo para terminar o meu trabalho.	1	2	3	4	5
7.Tenho que lidar com exigências contraditórias no meu trabalho.	1	2	3	4	5
8.Tenho a possibilidade de decidir como organizar o meu trabalho.	1	2	3	4	5
9.Tenho controlo sobre o que acontece no meu trabalho.	1	2	3	4	5
10.O meu trabalho permite-me tomar decisões por mim próprio(a).	1	2	3	4	5
11.No meu trabalho é-me pedido que tome as minhas próprias decisões.	1	2	3	4	5

Secção C

Esta secção pretende uma reflexão sobre o seu **trabalho e a sua família** e, a forma como um influencia o outro. Para cada uma delas, indique a sua opinião **assinalando o respetivo número**, de acordo com a grelha seguinte:

1. <i>Quase nunca</i>	2. Poucas vezes	3. <i>Algumas vezes</i>	4. Muitas vezes	5. <i>Quase sempre</i>
-----------------------	-----------------	-------------------------	-----------------	------------------------

1. Sinto que não tenho tempo suficiente para as minhas tarefas em casa, devido ao tempo que tenho de despender no trabalho.	1	2	3	4	5
2. O stress provocado pelo meu emprego faz com que chegue a casa irritado.	1	2	3	4	5
3. Sinto-me “culpado” por gastar tanto tempo no emprego e não ter tempo suficiente para a família.	1	2	3	4	5
4. Quando chego a casa vindo do emprego, estou demasiado cansado fisicamente para fazer as tarefas familiares.	1	2	3	4	5
5. O meu trabalho permite-me ter tempo para cumprir com as minhas responsabilidades familiares.	1	2	3	4	5
6. O meu trabalho afasta-me, mais do que gostava, das atividades familiares.	1	2	3	4	5
7. A tensão e a ansiedade provocadas pelo meu emprego interferem com a minha vida familiar.	1	2	3	4	5
8. Tenho tanto trabalho para fazer no meu emprego, que não consigo descontrair-me quando estou com a minha família.	1	2	3	4	5
9. As exigências do meu trabalho tornam difícil manter o tipo de relação que eu gostaria de ter com o meu marido/minha mulher e/ou com os meus filhos.	1	2	3	4	5
10. Quando chego a casa do trabalho estou emocionalmente tão cansado, que não consigo estar disponível para a minha família.	1	2	3	4	5
11. O meu emprego retira-me tempo que eu gostaria de passar com a minha família/amigos.	1	2	3	4	5
12. Os meus chefes e colegas não gostam da frequência com que eu estou preocupado com a minha vida pessoal no trabalho.	1	2	3	4	5
13. Enquanto estou em casa, estou preocupado com o trabalho.	1	2	3	4	5
14. O meu emprego interfere negativamente com as minhas tarefas familiares.	1	2	3	4	5
15. Devido a todas as pressões do emprego, quando chego a casa estou demasiado stressado para fazer as coisas de que gosto.	1	2	3	4	5

Secção D

Pedimos-lhe que se tiver mais de um filho/a, pense a partir de agora no seu filho/a mais novo/a:

Sexo do seu filho/a.

Masculino Feminino

Qual a idade do seu filho/a?

Por favor responda a todas as questões que se seguem acerca da forma como o **tempo do(a) seu(sua) filho(a) é ocupado e acerca de algumas actividades da sua família**. Em algumas questões, pode querer assinalar mais do que um espaço.

1. Compra alguma revista?

SIM NÃO

Se sim, de que tipo?

- revistas sobre a casa e sobre a família
 revistas de notícias
 revistas para crianças
 outras

3. Quantos livros infantis possui a sua família?

0 - 2

3 - 9

10 ou mais

4. Para além dos livros infantis, quantos livros possui?

0-9

10-20

mais de 20

Onde é que os guarda?

em caixas

numa estante

outro

(explique _____)

5. Com que frequência alguém leva o(a) seu(sua) filho(a) a uma mercearia?

quase nunca; prefere ir sozinho(a)

pelo menos uma vez por mês

pelo menos duas vezes por mês

pelo menos uma vez por semana

6. Quantas vezes na semana passada teve que dar uma palmada ou bofetada ao(à) seu(sua) filho(a)? _____

7. Tem televisão?

SIM NÃO

Cerca de quantas horas está a televisão ligada por dia?

8. Com que frequência alguém lê histórias ao(à) seu(sua) filho(a)?

quase nunca

pelo menos uma vez por semana

pelo menos 3 vezes por semana

pelo menos 5 vezes por semana

9. Costuma cantar para o(a) seu (sua) filho quando está com ele(ela)?

SIM NÃO

10. É frequente o(a) seu(sua) filho(a) arrumar os brinquedos sozinho(a)?

SIM NÃO

11. Autoriza que o(a) seu(sua) filho(a) vá sozinho(a) a casa de amigos ou familiares a pé ou de triciclo?

SIM NÃO

2. O(A) seu(sua) filho(a) tem uma caixa de brinquedos ou outro lugar especial onde ele(a) guarda os brinquedos?

SIM NÃO

12. O que faz com os trabalhos do(a) seu(sua) filho(a)?

deixa que ele (ela) os guarde

arruma-os

pendura-os em casa

deita-os fora depois de os ver

13. Diga o que responderia se o(a) seu(sua) filho(a) lhe dissesse "Olha que grande camião". _____

14. O que costuma fazer quando recebe a visita de um amigo e o(a) seu(sua) filho(a) não tem nada para fazer?

sugere-lhe alguma coisa para fazer

oferece-lhe um brinquedo

dá-lhe uma bolacha ou alguma coisa para comer

põe-no(na) a dormir

brinca com ele(ela)

15. Com que frequência o(a) seu(sua) filho(a) come à mesa com a mãe e com o pai (ou outro adulto do sexo masculino)?

nunca

pelo menos 1 vez por mês

pelo menos 1 vez por semana

pelo menos 2 vezes por semana

pelo menos 3 ou 4 vezes por semana

pelo menos 1 vez por dia

16. Com que frequência o(a) seu(sua) filho(a) passa algum tempo a brincar ou a "trabalhar" com o pai (ou outro adulto do sexo masculino)?

pelo menos 4 vezes por semana

pelo menos 2 vezes por semana

pelo menos 1 vez por semana

pelo menos 1 vez por mês

nunca

17. Com que frequência alguém tem a oportunidade de levar o(a) seu(sua) filho(a) a sair (às compras, jardim, jardim zoológico, restaurante, museu, passeio de carro, biblioteca):

pelo menos 6 vezes por ano

pelo menos uma vez por mês

pelo menos 2 vezes por mês

pelo menos uma vez por semana

18. Assinale as coisas que o(a) senhor(a) (ou outro adulto ou criança mais velha) ajudou o(a) seu(sua) filho(a) a aprender.

- a. cores (por exemplo, dizer a cor das coisas)
- b. letras
- c. números
- d. compreender o tempo (por exemplo, manhã tarde, agora-depois)
- e. formas (desenhar círculos ou quadrados)
- f. ler palavras novas ou escrever o nome

19. O(A) seu(sua) filho(a) aprendeu canções, orações, ou lenga-lengas?

SIM NÃO

Se sim, onde as aprendeu?

- a creche ou jardim-de-infância
- com uma irmã ou irmão
- na igreja ou na catequese
- com a mãe ou o pai
- na televisão

20. Faltam 30 minutos para o jantar e o(a) seu(sua) filho(a) tem fome. Na maior parte das vezes:

- dá-lhe qualquer coisa para comer
- obriga-o(a) a esperar pelo jantar

21. Que coisas permite que o(a) seu(sua) filho(a) escolha?

- uma parte do que vai comer ao pequeno almoço ou almoço
- comidas preferidas no supermercado (fruta, cereais, bolachas, etc.)
- a roupa que quer vestir
- nenhum dos anteriores

22. O que faria se o(a) seu(sua) filho(a) se zangasse e lhe batesse?

- batia-lhe para lhe mostrar que magoa
- mandava-o(a) para o quarto
- dava-lhe uma sapatada
- conversava com ele (ela)
- ignorava-o(a)

23. Tem algum animal de estimação?

SIM NÃO

24. Tem plantas em sua casa?

SIM NÃO

25. Das frases que se seguem, qual a que descreve melhor a zona onde mora?

- não é tão limpa como eu gostaria
- as casas não estão bemtratadas
- está bem tratada
- está bem tratada e é agradável

26. Quantos quartos tem a sua casa? _____

Quantas pessoas vivem em sua casa? _____

27. Costuma experimentar receitas que encontra no jornal ou em revistas?

SIM NÃO

28. Alguém da família está atualmente a frequentar algum curso de nível universitário?

SIM NÃO

29. Quem faz as compras para a sua família?

Às vezes	Frequentemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Mãe
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Pai
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Avós
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Filho mais velho
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Outro

30. A maioria das decisões acerca de como o rendimento da família é gasto são feitas por

- mãe
- pai
- avós
- amigo

31. Com que frequência brinca com o(a) seu(sua) filho(a) (jogos de faz-de-conta, bonecas, casinhas, carros, jogos)?

- quase nunca; demasiado novo(a)
- pelo menos uma vez por semana
- pelo menos 3 ou 4 vezes por semana
- todos os dias

32. Tem amigos com filhos da mesma idade do(a) seu(sua) filho(a)?

SIM NÃO

33. Quando o(a) seu(sua) filho(a) lhe pede para fazer alguma coisa que pensa que ele(ela) é muito novo(a) para fazer, o que costuma dizer?

- não, não quero que faças isso
- não
- agora não
- não. És muito novo(a) agora mas quando fores mais velho(a) podes fazer.

34. O que aconteceria se o(a) seu(sua) filho(a) entornasse o leite?

- dava-lhe uma sapatada
- teria que limpar
- alguém limparia
- mandava-o(a) para o quarto

Secção E

Estamos interessados em descobrir **que tipo de brinquedos** que as crianças têm em casa.

Os itens apresentados abaixo são para crianças de idades diferentes.

Por favor, assinale **todos os itens que tem em casa** e com os quais o/a seu/sua filho/a pode brincar. Assinale **apenas aquele que tem neste momento ou que não estão partidos**. Não esperamos que uma criança tenha todos estes itens.

- | | |
|--|--|
| 1. [] bonecas com roupas ou bonecas de papel | 22. [] livros de crianças |
| 2. [] animais de pelúcia (ou de enchimento), animais de brincar ou livros de animais. | 23. [] bola |
| 3. [] vestuário de faz-de-corta ou de fantasia | 24. [] bola ou caixa de formas |
| 4. [] triciclo, bicicleta ou trotinete | 25. [] ginásio de bebé |
| 5. [] carro de bebé ou “voador” (“aranha”) | 26. [] cadeira de baloiço ou balancé |
| 6. [] carro de criança ou carro de pedais | 27. [] brinquedos de apertar |
| 7. [] brinquedo de puxar ou empurrar | 28. [] rocas |
| 8. [] móbile | 29. [] televisão |
| 9. [] mobília do tamanho da criança | 30. [] caixa com objectos e brinquedos |
| 10. [] cadeira alta | 31. [] arma |
| 11. [] parque | 32. [] barro ou plasticina |
| 12. [] puzzles – pelo menos três | 33. [] instrumentos de música de brincar ou reais |
| 13. [] brinquedo do alfabeto, jogo do alfabeto ou livro do alfabeto | 34. [] caixa de areia |
| 14. [] brinquedo de números, jogo de números ou livro de números | 35. [] brinquedos de construir feitos em casa |
| 15. [] livro de colorir | 36. [] blocos |
| 16. [] livro de colorir ponto a ponto ou de colorir por números | 37. [] jogos de construção tipo “Lego” |
| 17. [] tesoura | 38. [] leitor de cassete ou de cd |
| 18. [] tábua ou tabuleiro de picos de encaixar | 39. [] discos de crianças |
| 19. [] telefone de brincar | 40. [] quadro de giz |
| 20. [] contas de enfiar | 41. [] baloiços |
| 21. [] brinquedos musicais ou caixa de música | 42. [] carro, camiã o ou comboio |
| | 43. [] copos de medição |
| | 44. [] tachos e panelas |
| | 45. [] pratos de brincar |
| | 46. [] carro de bonecas |
| | 47. [] ferramentas de plástico e banco de carpinteiro |
| | 48. [] lápis de cor, tintas ou lápis |

Secção F

As seguintes afirmações descrevem sentimentos e **percepções acerca da experiência de ser pai/mãe**. Pense em cada um dos itens em termos de como é tipicamente a sua relação com o seu filho. Por favor, indique até que ponto concorda ou discorda dos seguintes itens, **assinalando o respetivo número, de acordo com a grelha seguinte**:

<i>1.Discordo Totalmente</i>	<i>2.Discordo</i>	<i>3.Indeciso</i>	<i>4.Concordo</i>	<i>5.Concordo Totalmente</i>
----------------------------------	-------------------	-------------------	-------------------	----------------------------------

1. Estou contente no meu papel de pai/mãe.	1	2	3	4	5
2. Faço tudo o que for preciso pelo(s) meu(s) filho(s).	1	2	3	4	5
3. Cuidar do(s) meu(s) filho(s) por vezes exige mais tempo e energia do que aquele que tenho para dar.	1	2	3	4	5
4. Às vezes penso se faço o suficiente pelo(s) meu(s) filho(s).	1	2	3	4	5
5. Sinto-me próximo do(s) meu(s) filho(s).	1	2	3	4	5
6. Gosto de passar tempo com o(s) meu(s) filho(s).	1	2	3	4	5
7.O(s) meu(s) filho(s) é uma importante fonte de afeto para mim.	1	2	3	4	5
8.A maior fonte de Stress da minha vida é o meu(s) filho(s).	1	2	3	4	5
9.Ter um filho(s) deixa-me pouco tempo e não me permite uma grande flexibilidade na minha vida.	1	2	3	4	5
10.Ter um filho(s) tem sido um peso financeiro.	1	2	3	4	5
11.É difícil contrabalançar diferentes responsabilidades por causa do(s) meu(s) filho(s).	1	2	3	4	5
12.O comportamento do(s) meu(s) filho(s) é muitas vezes embaraçador ou stressante para mim.	1	2	3	4	5
13.Se fizesse tudo de novo decidia não ter filho(s).	1	2	3	4	5
14.Eu sinto-me oprimido(a) pela responsabilidade de ser pai/mãe.	1	2	3	4	5
15.Ter um filho(s) significa ter poucas escolhas e pouco controlo sobre a minha vida.	1	2	3	4	5
16.Sinto-me satisfeito(a) como pai/mãe.	1	2	3	4	5
17.Acho o(s) meu(s) filho(s) adorável(eis).	1	2	3	4	5